

# **CRIANÇA-PARA-CRIANÇA**

**FAZENDO MELHOR**

UM GUIA SIMPLES PARA AVALIAR  
AS ACTIVIDADES CRIANÇA-PARA-CRIANÇA

## INTRODUÇÃO

O presente capítulo destina-se a ajudar pessoas que realizam coisas boas e úteis a realizarem-nas ainda melhor. Destina-se a todos quantos estão envolvidos nas actividades Criança-para-Criança, e não às pessoas que são designadas como "avaliadores". Na realidade, uma das ideias mais importantes que este livro defende é a de que TODOS AVALIAM... o que inclui as próprias crianças.

Em tudo quanto fazemos, verificamos sempre se as coisas progridem como se deseja e, para termos a certeza de que isso acontece, analisamos o modo como fazemos e os efeitos das nossas acções. "Isto" está melhor que estava? OU "isto" depende do que estamos a fazer. No caso da Educação Para a Saúde, o objectivo final é melhorar a saúde, por isso verificamos se houve melhorias na saúde. As crianças e as suas famílias estão mais saudáveis? Há menos casos de malnutrição, diarreia, sarampo?

Os **conhecimentos** que as crianças obtiveram e a sua **compreensão** desses conhecimentos são importantes. Sabem mais acerca do programa local de vacinação? Compreendem como funciona a vacina? No entanto, a abordagem Criança-para-Criança não se preocupa apenas com o **conhecimento, mas com o conhecimento que conduz à acção**, e isto implica capacidades, assim como mudanças de atitudes e de comportamentos. (É isto que distingue a abordagem Criança-para-Criança da Educação Para a Saúde das muitas disciplinas académicas estudadas na escola.) Dada a grande importância das capacidades, das atitudes e dos comportamentos, é necessário avaliá-los mesmo que isso possa ser mais difícil. As crianças sabem preparar a bebida de reidratação oral? Lavam os dentes mais vezes? Passam mais tempo a brincar com os seus irmãos e irmãs mais novos?

O objectivo deste capítulo é mostrar aos professores e às crianças que também podem e devem avaliar as suas actividades e como e quando devem avaliar as actividades Criança-para-Criança de forma a melhorá-las. Todavia, os princípios gerais podem ser aplicados sempre que desejemos avaliar as nossas actividades.

A elaboração deste módulo começou com um Curso em Londres.

PRIMEIRA PARTE

A AVALIAÇÃO E A ABORDAGEM  
CRIANÇA-PARA-CRIANÇA

## **1. CRIANÇA-PARA-CRIANÇA**

Criança para criança é uma abordagem que ajuda as crianças a ajudarem outras pessoas. Elas já fazem isto em muitos países de todo o mundo. Criança-para-Criança estimula-as com conhecimentos e ideias sobre como tornar o que elas fazem mais útil e mais divertido. As actividades Criança-para-Criança no domínio da Educação Para a Saúde são utilizadas de diversas formas em todo o mundo. Neste capítulo, sublinhamos as duas formas principais de utilização da abordagem, ou seja:

- nas escolas e nas comunidades em volta das escolas;
- em grupos juvenis em que as crianças se juntam para divulgar na comunidade ideias sobre saúde.

A abordagem Criança-para-Criança pode também ser utilizada em outras disciplinas como agricultura e estudos ambientais, mas aqui concentramo-nos na saúde.

### **1.1 Três objectivos importantes da abordagem Criança-para-Criança**

1. Ajuda a ligar a saúde à educação no seio das comunidades e, desse modo, melhora a vida

das crianças e dos adultos;

2. Faz as crianças e os adultos participarem activamente na melhoria da saúde nas comunidades;
3. Estimula as crianças a agirem tanto individualmente como em grupos, por forma a que possam beneficiar-se a si mesmas e beneficiar outros, sem sobrecargas adicionais.

## **1.2 Uma metodologia activa - divertimento para as crianças**

Criança-para-Criança realça:

- A aprendizagem significativa e activa, utilizando uma variedade de abordagens e métodos;
- Actividades que são interessantes e divertidas para as crianças.

Legenda:

**A saúde é**

*Uma mente sã*

*Estar em forma e bem*

*Cuidar dos outros*

*Um ambiente saudável*

## **1.3 Como a abordagem Criança-para-Criança ajuda as crianças**

### **1.3.1 Conhecimento e capacidades**

- Desenvolve o conhecimento e a compreensão de questões importantes de saúde nas comunidades;
- Promove uma mais vasta compreensão da saúde como algo mais do que a ausência de doença e, desse modo, a consciência:
  - da íntima ligação entre pessoa saudável e ambiente saudável;
  - da íntima ligação entre a saúde física e a saúde da "totalidade da pessoa"

(mente, corpo, espírito).

- Desenvolve capacidades activas para ajudar as crianças a evitar a doença e para ajudar aqueles que estão doentes.
- Desenvolve a capacidade de pensar para:
  - identificar problemas e resolvê-los;
  - comunicar ideias a outros;
  - analisar acções e resultados: "O que fizemos?" "Foi útil?" "Como podemos fazer melhor?"

Estes conhecimentos e estas capacidades aumentam a capacidade das crianças de melhorar as suas próprias vidas.

### **1.3.2 Atitudes**

Criança-para-Criança visa também desenvolver nas crianças atitudes desejáveis tanto através daquilo que as crianças aprendem como através da forma pela qual elas aprendem. Desenvolve:

- A sua auto-confiança, porque elas planificam e realizam acções;
- O seu sentido de responsabilidade, porque se confia nelas para fazerem coisas que são importantes tanto para elas próprias como para outros;
- O seu sentido de cooperação, porque trabalham em conjunto.

### **1.3.3 Mudanças do comportamento e dos hábitos das crianças**

Criança-para-Criança visa também conseguir mudanças no comportamento e nos hábitos das crianças mais novas e mais velhas, por exemplo:

- Melhores hábitos de saúde que resultam em melhor higiene pessoal e da comunidade (por exemplo, as crianças lavam mais vezes as mãos e tapam os locais de reprodução de mosquitos);
- Mais cuidado e atenção em relação à saúde dos outros (por exemplo, as crianças preocupam-se com a segurança das crianças mais novas);
- Melhor utilização dos recursos disponíveis para melhorar os cuidados de saúde (por exemplo, as crianças fazem reidratação oral utilizando água de arroz).

### **1.3.4 Efeitos nas famílias, escolas e comunidades**

Além de ajudar as crianças, a abordagem Criança-para-Criança também ajuda as famílias, as comunidades e as escolas:

- Ajudando a estabelecer ligações mais estreitas entre os trabalhadores da educação e da saúde ao nível da comunidade (e também a níveis mais altos);
- Ajudando a produzir mudanças nos conhecimentos e práticas de saúde, através dos conhecimentos que as crianças podem divulgar e do exemplo que elas podem dar (com o auxílio dos seus professores, de dirigentes juvenis e de agentes de saúde);
- Ajudando a fornecer um modelo de metodologia activa para a saúde ligada à acção e à ajuda à comunidade, podendo esta abordagem, ser assim utilizada noutros domínios;
- Aumentando o respeito que a comunidade tem para com as crianças (na medida em que vê como elas podem assumir responsabilidades para melhorar a saúde).

## **2. AVALIAÇÃO**

### **2.1 O que é a avaliação?**

Avaliar significa calcular o valor de alguma coisa. No contexto da abordagem Criança-para-Criança a avaliação tem dois grandes objectivos:

1. Verificar se estamos a atingir as nossas metas e, no caso afirmativo, se o programa está a ser realizado da forma mais eficaz.
2. Descobrir não só se o programa está a funcionar como foi planeado, mas também por que está ou por que não está. Sabendo isto podemos melhorá-lo e também alargar o nosso conhecimento a programas similares.

Um exemplo diário de avaliação acontece sempre que fazemos uma viagem. Primeiro decidimos onde queremos ir, esse é o nosso objectivo principal. Depois decidimos quando queremos ir e, a seguir, pensamos acerca da melhor maneira de viajar. Quando terminamos a viagem podemos analisar:

- Chegamos exactamente aonde queríamos ir, à hora certa?
- Se não chegamos, o que correu mal?
- Se chegámos aonde queríamos chegar e à hora certa, poderíamos ter feito a viagem:
  - a) mais confortavelmente, gastando o mesmo dinheiro?
  - b) mais depressa?
  - c) mais barato?
- Estamos agora em boas condições de aconselhar outra pessoa que vai fazer uma viagem semelhante?

Por vezes não precisamos de esperar até ao fim da viagem para nos fazermos estas perguntas. Assim que começamos a viagem ou estamos a meio caminho podemos perguntar-mo-nos: "Este machibombo é o mais rápido (ou o mais barato)? Devo sair e apanhar um melhor?" Mesmo antes de começarmos a viagem, podemos perguntar-mo-nos: "Este é o machibombo certo?" "Há um machibombo melhor?" "Iremos na direcção certa?"

## 2.2 Quando avaliar

Há três fases principais em que a avaliação é particularmente importante:

- Na fase de **planificação** do programa;
- Na fase de **realização**;
- Na **conclusão** do programa (a fase dos "**resultados**")

Todos os programas e actividades Criança-para-Criança devem ser avaliados, doutro modo não poderemos aprender da experiência. Aprendemos dos nossos fracassos tanto quanto aprendemos dos nossos sucessos.

A avaliação ajuda-nos a ganhar confiança porque ficamos a saber mais acerca dum programa e acerca do que funciona e do que não funciona. Também nos capacita para tomarmos decisões melhores e mais úteis.

Precisamos de avaliar muitos aspectos distintos duma actividade antes de podermos avaliar a actividade no seu conjunto. Assim, a avaliação realiza-se em todas as fases daquilo que

realizamos. Nunca é tarde demais para avaliar. Frequentemente não se faz avaliação na fase de planificação, mas podemos obter informação muito útil mais tarde. Qualquer actividade, grande ou pequena, que nos ajuda a saber mais e a tomar decisões melhores é uma actividade de avaliação útil.

<b>QUADRO 1</b>	
<b>QUANDO E O QUE AVALIAR</b>	
<b>ACTIVIDADES</b>	<b>O QUE AVALIAR</b>
<p><b>1. Na fase de planificação</b></p> <p>Determinar as necessidades</p> <p>Planificar os objectivos</p> <p>Elaborar um plano de acção</p> <p>Analisar os recursos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que actividades Criança-para-Criança são mais importantes para as crianças, as suas famílias e a sua comunidade?</li> <li>• Os objectivos são realistas e relevantes? Podem ser realizados em pequenos espaços?</li> <li>• Há objectivos a longo prazo?</li> <li>• O plano é sensato e realizável?</li> <li>• São os melhores disponíveis? São suficientes?</li> </ul>

<p>2. <b>Na fase de realização</b></p> <p>O programa</p> <p>Os materiais</p> <p>Formação</p> <p>3. <b>A fase dos resultados</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Está bem gerido?</li> <li>• Estão a ser utilizados eficazmente?</li> <li>• São adequados às necessidades locais?</li> <li>• A formação certa está a ser dada às pessoas certas?</li> <li>• Mudanças no <b>conhecimento</b></li> <li>• Mudanças na <b>atitude</b></li> <li>• Mudanças nas <b>práticas</b> das crianças e da comunidade</li> </ul>
---	---

### 2.3 O que pode ser avaliado?

Quando avaliamos, investigamos:

- a) mudanças no que as pessoas sabem;
- b) mudanças nas capacidades que as pessoas têm;
- c) como usam essas novas capacidades e esse novo conhecimento;
- d) como mudaram as suas atitudes;
- e) que efeitos tiveram essas mudanças sobre a vida das pessoas.

Nas actividades Criança-para-Criança, podemos querer conhecer os efeitos que têm sobre as crianças, os professores e os dirigentes juvenis, os agentes de saúde, as famílias e as comunidades.

Na nossa lista das mudanças que esperamos conseguir com a abordagem Criança-para-Criança há muitas coisas que é difícil medir. Dois exemplos são as mudanças na atitude das crianças ("assumem maiores responsabilidades", "cooperam mais") e mudanças na comunidade ("melhores práticas de saúde"). Podemos descrever estas mudanças mas nem sempre as podemos medir facilmente. Isto não significa que devemos desistir; há muitas coisas que, sendo difíceis de medir, são muito importantes. Mais do que isso, nem sempre somos capazes de dizer com segurança "esta acção provocou este efeito", e há ocasiões em que temos de dizer "isto é muito provável, portanto digamos que é assim".

#### QUADRO 2

AVALIAÇÃO - EXEMPLOS DE EFEITOS BONS E MENOS BONS

	EXEMPLOS DE EFEITOS BONS	EXEMPLOS DE EFEITOS MENOS BONS
<i>Crianças</i>	Agem mais para melhorar a saúde	Aprenderam novos factos mas não aplicam
<i>Professores</i>	Gostaram de Criança-para-Criança e modificaram os seus métodos	Acharam que as abordagens Criança-para-Criança gastam muito tempo e interferem com o ensino de todo o programa
<i>Agentes de saúde</i>	Cooperaram com os professores	Sentiram-se incomodados com as crianças porque "elas não estavam treinadas"
<i>Famílias</i>	Aprenderam a cuidar melhor das crianças porque as crianças mais velhas deram um bom exemplo (por exemplo, brinquedos para as crianças)	Sentiram-se ofendidas por as crianças lhes dizerem o que deviam fazer
<i>Comunidades</i>	Apoiou a campanha de vacinação das crianças	Não manifestaram interesse. Não foram ao festival de saúde da escola.

Precisamos quase sempre de avaliar o custo duma actividade (não só em termos de dinheiro, como em termos de tempo, de trabalho das pessoas e de materiais) para verificarmos se valeu a pena realizá-la. Quando avaliamos se uma actividade valeu a pena, precisamos de pensar nos efeitos a longo prazo assim como nos efeitos a curto prazo, embora seja muito mais difícil medir os primeiros.

### ***Resultados inesperados***

As actividades Criança-para-Criança apresentam muitas vezes resultados inesperados. Por exemplo, no Botswana, as crianças mais velhas foram encorajadas a agirem como "pequenos professores" ajudando as crianças em idade pré-escolar antes de ingressarem na escola. A avaliação sugeriu que, mais tarde, as crianças mais velhas tiveram melhor aproveitamento nas aulas.

## **2.4 Quem avalia?**

Todos quantos participam numa actividade devem ser envolvidos na sua avaliação. Isto inclui: os que **estão por dentro**, os que realizam a actividade e os planficadores e organizadores; e também os que **estão de fora**, que podem ter um ponto de vista mais frio. (Os de fora nem sempre têm de ser especialistas em avaliação.)

Numa actividade Criança-para-Criança os de fora podem ser:

- **Médicos e outros trabalhadores da saúde** (que podem verificar se as mensagens de saúde são correctas);

- **Administradores e planificadores** (que podem avaliar se as actividades são eficazes em termos de custo/esforço);
- **Dirigentes comunitários e membros da comunidade** (que podem avaliar os efeitos sobre as crianças e a comunidade).

## 2.5 Para quem avaliamos

Avaliamos para diversas pessoas e para diversos efeitos. Avaliamos para nós: crianças, professores, organizadores de programas; e avaliamos para outros: financiadores, decisores, a comunidade. Todas estas pessoas podem precisar de saber diversas coisas. Por isso, devemos sempre pensar no que elas precisam de saber quando decidimos o quê e como avaliar e a forma de apresentar os resultados.

Nas actividades Criança-para-Criança há também diversas pessoas que querem saber diversas coisas.

### Legenda:

*Médicos e outros Trabalhadores de Saúde*

*Administradores e Planificadores*

*Dirigentes e Membros da Comunidade*

### **OS DE FORA COMO AVALIADORES**

=====

QUADRO 3	
QUEM PRECISA DE SABER O QUÊ?	
QUEM	O QUE PRECISAM DE SABER
<i>As crianças e os professores</i>	Como podem melhorar as suas actividades da próxima vez que as realizarem
<i>Os pais e os dirigentes comunitários</i>	O que as crianças conseguiram e como podem ajudá-las
<i>Os dirigentes ou organizadores de grupos juvenis</i>	Como podem planificar as suas actividades mais eficazmente

<i>Os trabalhadores da saúde</i>	Se as crianças divulgam mensagens correctas e se continuam a recordá-las correctamente
<i>Pessoas de diversas áreas</i>	O que está a acontecer e como podem aprender da experiência nessa área
<i>Pessoas a nível central</i>	Que tipo de recursos estão a ser usados, que resultados foram obtidos e se os recursos foram utilizados eficazmente
<i>Agências financiadoras</i>	Como o seu dinheiro foi utilizado e se foi bem utilizado

## 2.6 O que a avaliação não precisa de ser

- Não é necessariamente uma coisa complicada que só pode ser feita por peritos e pessoas de fora.
- Não se destina principalmente a julgar o sucesso ou fracasso duma actividade; mas principalmente a encontrar formas de a melhorar.
- Não é uma forma de encontrar falhas quer do programa quer dos participantes. Pelo contrário, procura encontrar motivos de louvor ou encorajamento.
- Não precisa de incluir medições e estatísticas complicadas.
- Não é uma coisa que só é feita depois de concluída a actividade. Deve começar logo no início para nos ajudar a escolher o "caminho certo" e a continuar nele.
- Não é um desperdício de tempo e de recursos. Ajuda-nos a utilizar melhor os recursos que temos.

Legenda:

***MUITOS PENSAM QUE A AVALIAÇÃO É FEITA POR PESSOAS COMO ESTA MAS NORMALMENTE PESSOAS COMO NÓS, FAZEM-NA MELHOR***

### 3. COMO AVALIAMOS?

Há muitas maneiras de recolhermos, analisarmos e avaliarmos informações.

É natural que todos os métodos descritos neste capítulo sejam utilizados num ou noutro momento a qualquer nível. Frequentemente, podem utilizar-se diversos métodos ao mesmo tempo para obter um quadro mais claro e mais completo.

Este capítulo apresenta só uma breve introdução a diversas técnicas. Para aqueles que estarão envolvidos em formas mais complicadas de avaliar programas e os seus resultados indicamos também alguns outros livros que descrevem as técnicas com muito mais pormenor.... (acrescentar)

## **3.1 Observação**

### **3.1.1 O que podemos observar?**

A observação é a base de todas as outras técnicas, mas a boa observação exige perícia e uma atitude correcta em relação a ela. Devemos ser capazes de observar clara e cuidadosamente e de ver e registar o que está realmente ali e o que está realmente a acontecer, em vez daquilo que gostaríamos de ver e que gostaríamos que acontecesse. Isto não é fácil.

Exemplos do que podemos observar:

- Coisas que podemos contar:

por exemplo, se estamos a avaliar uma actividade referente à "Água Limpa e Segura":

- quantos recipientes de água há em casa?
- quantos estão tapados?
- quantos têm conchas?

- O que as pessoas fazem:

por exemplo, se estamos a avaliar em que medida as crianças recebem estímulos numa comunidade:

- quantas pessoas falam e brincam com os bebés?
- quem brinca a maior parte do tempo?
- o que é que as pessoas fazem quando não estão a brincar com o bebé?

### **3.1.2 Registando**

Depois de termos decidido o que vamos observar temos de decidir como vamos registar as nossas observações. Precisamos de ser capazes de registar de maneira a que outros compreendam o que nós anotamos. É preferível registar imediatamente depois de termos observado do que esperar até ao fim do dia porque a demora pode levar-nos a esquecer alguns aspectos importantes.

- Observar acontecimentos muitas vezes torna-nos mais seguros dos resultados

**Exemplo:**

Pediu-se a cinco crianças mais velhas que observassem o comportamento das mais novas ao atravessar a rua. Todas elas observaram que, muitas vezes, as crianças mais novas atravessavam perto duma esquina onde os condutores não podiam vê-las.

- Pode-se permitir espaço no registo para anotar também o inesperado.

**Exemplo:**

Crianças observaram vendedores de alimentos na escola para ver o que vendiam e se afastavam as moscas. Ao mesmo tempo verificaram que os seus amigos não ligavam ao estado de limpeza das bancas. Compravam a certos vendedores porque eles se mostravam mais amistosos.

- Os registos duma observação não têm de ser feitos só com palavras escritas. Mapas, desenhos e diagramas também são úteis.

**Exemplo:**

Pediu-se a uma trabalhadora de um projecto que observasse como funcionava uma escola Criança-para-Criança. Ela tirou fotografias do recinto da escola e das crianças realizando diversas actividades ligadas à saúde.

### 3.1.3 Garantindo que observamos com exactidão

É muito possível que três pessoas que viram o mesmo acontecimento façam relatos dele que

sejam muito diferentes uns dos outros. Elas podem discordar acerca da altura duma das pessoas observadas ou acerca da sequência dos factos. Quando os observadores são treinados a probabilidade de grandes diferenças nos seus relatórios são mais pequenas, mas será sempre necessário verificar o nível de exactidão dos que participam num exercício de avaliação.

Uma forma de fazer isto quando estão envolvidos crianças ou professores é transformar o exercício num jogo: pede-se a quatro ou cinco pessoas que observem alguma coisa, que registem e, depois, comparem os seus registos para ver em que medida são idênticos.

## 3.2 Fazendo perguntas

Através de perguntas nós podemos saber mais acerca do que as pessoas sabem, fazem e pensam e, mesmo, acerca das razões porque pensam e agem de certa maneira. Mas esta informação só pode ser recolhida se as perguntas forem feitas pelos motivos certos e da forma certa. Muitas perguntas são feitas e respondidas para dar às pessoas as informações que elas querem ouvir e não as informações verdadeiras necessárias à avaliação. Decidir quais são as perguntas certas a fazer é essencial para uma boa avaliação. Se não fazemos as perguntas certas não obteremos as informações de que precisamos, por muito bem que façamos essas perguntas e por muito bem que registemos as respostas.

### 3.2.1 Que perguntas fazer ... e como fazê-las

- Pense cuidadosamente acerca das informações de que precisa e das outras informações que pode obter fazendo as perguntas que prevê. Depois planifique as suas perguntas. Normalmente uma linha de questionário que conduz a mais informações é mais útil do que um conjunto de perguntas completamente "fechado" que só procura obter algumas respostas e rejeita as outras.

#### **Exemplo:**

"Você ferve a água?" É uma pergunta que só pode obter uma resposta (provavelmente falsa).

"Como é que você usa a água em casa?" É uma pergunta que obtém informações muito mais úteis incluindo (se você tiver perícia) a resposta à primeira pergunta.

- Utilize uma abordagem passo a passo para construir as perguntas em sequência. Faça primeiro perguntas simples e gerais e, faça mais tarde as perguntas mais difíceis e específicas.
- Faça perguntas ligadas aquilo que as pessoas lhe dizem. Deixe-as falar livremente e depois faça as perguntas, ou faça novas perguntas com base nas suas

resposta até ter obtido toda a informação útil possível. Normalmente não é sensato seguir como uma máquina através dum conjunto de perguntas previamente elaboradas.

- Evite perguntas que sugiram respostas que você gostaria de receber, por exemplo, "lavas os dentes todos os dias?"
- Seja muito cuidadoso, a fim de evitar perguntas sensíveis e embaraçosas, por exemplo "quanto é que tu ganhas?"

### 3.2.2 Perguntas escritas

Por vezes quereremos utilizar um questionário escrito. No entanto, a experiência mostra que:

- Esses questionários só são úteis para algumas recolhas de informação (não todas).
- Normalmente, não vale a pena enviá-los sem uma explicação a um grande número de pessoas. (Muito poucas responderão e muitas não entenderão o questionário ou os seus objectivos.)

Se é distribuído um questionário escrito, ele deve:

- 1) ser tão curto quanto possível, com perguntas muito simples;

Legenda:

**LONGO DEMAIS  
CESTO DO LIXO**

- 2) ser orientado para um ou dois objectivos específicos;
- 3) pedir respostas curtas e simples;
- 4) ser usado apenas com pessoas que sabem ler e que podem compreender as perguntas e responder por escrito;
- 5) se possível, deve ser distribuído numa altura em que as pessoas têm tempo para o preencher, por exemplo, num curso de reciclagem.

Todas as respostas devem ser tratadas com respeito - em alguns casos, as pessoas podem não

querer que os seus nomes sejam revelados.

**Nota:**

As perguntas orais e escritas podem frequentemente ser combinadas. Um pequeno questionário escrito pode constituir a base para perguntas mais vastas e abertas.

**Exemplo:**

Um grupo de crianças, bem preparadas pelos seus professores, estão a realizar uma pesquisa sobre nutrição. Elas têm quatro perguntas simples acerca dos alimentos cultivados e consumidos pelas famílias, mas pediu-se-lhes também que fizessem outras e mais vastas questões com base naquelas e que registassem as respostas.

**3.3 Reuniões e debates**

Muitas vezes é muito útil discutir em grupos o que está a acontecer e o que se realizou, assim como muitas vezes é útil que grupos decidam que informação deve ser recolhida e participem na recolha dessa informação.

As discussões em grupo:

- permitem-nos partilhar experiências, aprender uns dos outros e obter retroalimentação.
- ajudam-nos a obter informação porque as discussões em grupo estimulam as pessoas a contribuir.
- permitem que todas as pessoas envolvidas numa actividade participem na avaliação.

O grupo deve sentir-se à vontade e estabelecer um ambiente de amizade. Por isso, pequenos grupos informais são melhores do que grupos grandes e formais. A disposição das cadeiras deve ajudar a criar um ambiente de amizade.

A discussão deve ser organizada e dirigida, mas deve-se permitir a discussão livre. Assim, o organizador deve ter uma lista de verificação do programa e pedir ao grupo que cubra essa lista, mas deve sempre permitir que surjam novas ideias.

Devem-se respeitar as ideias e opiniões de todos os participantes.

É conveniente resumir a discussão de vez em quando.

Fazer a acta duma reunião em grupo pode ser difícil e é importante que seja feita correctamente. Duas cabeças são muitas vezes melhores do que uma. É muito útil treinar pessoas para tomar notas duma discussão e isso pode ajudá-los a recolherem boa informação para avaliação.

### **3.4 Utilizando materiais escritos**

Precisamos de examinar registos escritos:

- para saber o que aconteceu no passado;
- para saber o que existe e está a acontecer agora;
- para comparar com textos, actividades e resultados entre diversos lugares e entre diversos períodos de tempo.

Que registos escritos podemos examinar?

- Registos escritos "de fora", por exemplo, registos de saúde;
- Registos "de dentro", por exemplo, cadernos dos alunos, documentos de planificação, agendas, boletins de actividades;
- Os nossos próprios registos, quer os individuais quer os de grupo;
- Livros de texto e curricula;
- Livros e materiais Criança-para-Criança;
- Notas de preparação das lições dos professores;
- Registos de frequência das escolas;
- Folhetos e cartazes;
- Relatórios de inspectores ou trabalhadores da saúde sobre os efeitos das abordagens Criança-para-Criança.

### **3.5 Avaliando mudanças no conhecimento e capacidades**

#### **3.5.1 O que precisamos de procurar saber**

É importante procurar saber se se adquiriram **conhecimentos** e **capacidades**, mas também se eles foram **retidos** e se houve alguma **mudança de comportamento** como resultado dos novos conhecimentos.

Precisamos de procurar saber:

- o que as pessoas já sabem e fazem;
- em que medida compreendem os novos materiais;
- durante quanto tempo retêm os seus novos conhecimentos e capacidades;
- se estão a aplicar os seus conhecimentos e capacidades;
- se estão a divulgar os seus conhecimentos e capacidades.

### 3.5.2 Como avaliar conhecimentos e capacidades

#### a) Testes simples

É muitas vezes importante verificar se todo um grupo de crianças ou adultos pode fazer alguma coisa. Precisamos nesse caso de fazer perguntas muito simples e claras.

#### **Exemplos:**

"Quais são os sinais mais importantes da pneumonia nos bebés?" (respiração apressada - mesmo quando está deitado em repouso, etc).

"Como podes reidratar crianças com diarreia?" (obtem ou faz a solução de reidratação oral, a água de arroz é uma boa solução de reidratação oral).

Podemos também precisar de fazer testes práticos:

- fazer um apoio para imobilizar o braço, nos primeiros socorros.
- utilizar correctamente uma fita para medir o perímetro do braço.

Nestes testes só devemos ficar satisfeitos se quase todos os testados derem a resposta correcta. Devemos obter, pelo menos, quatro respostas correctas por cada cinco num teste de conhecimentos e, se possível, testes práticos todos correctos. Caso contrário, os que não compreendem devem voltar a ser ensinados.

#### b) Perguntas mais difíceis

As perguntas simples nem sempre são suficientes. Precisamos de fazer perguntas mais difíceis para saber se as crianças compreendem as razões daquilo que estão a fazer.

**Exemplos:**

- por que é que a desidratação mata?
- por que é que os alimentos devem estar cobertos?
- como podemos ajudar os bebés a aprender a falar?

Também neste caso precisamos duma medida do sucesso. Não devemos estar satisfeitos se menos de duas entre três crianças derem respostas certas a estas perguntas.

**c) Outras formas de avaliar conhecimentos e capacidades**

Há muitas formas de procurar saber o que foi aprendido. Podemos:

- fazer jogos simples, como palavras cruzadas;
- fazer perguntas com base em desenhos (por exemplo, descobre os perigos de acidente neste desenho);
- pedir às crianças que coloquem acontecimentos na "ordem correcta" (por exemplo, ordenar: crianças apanham malária; vêm as chuvas; há buracos nas redes mosquiteiras; os mosquitos reproduzem-se nos charcos de água; os mosquitos picam as crianças de noite);
- pedir às crianças que terminem uma história (por exemplo, soubemos que Pedro não foi à escola porque não conseguia andar bem, por isso nós.....);
- observar capacidades em acção (por exemplo, observar um treino de segurança na estrada).

**Nota:** Estas são apenas algumas formas de fazer testes. Podem descobrir-se muitas outras formas. As crianças, os professores e os dirigentes juvenis devem ser encorajados a pensarem em novas formas interessantes. Pensar em como testar ajuda a aumentar a compreensão das ideias e actividades Criança-para-Criança.

**3.6 Avaliando mudanças nas atitudes e comportamentos**

Se as pessoas obtêm novos conhecimentos e capacidades, é preciso que elas os ponham em prática para que se verifiquem verdadeiras mudanças. Antes de agir é preciso que queiram agir. É por isso que a mudança de atitudes é tão importante.

### **3.6.1 Como medir nas atitudes e comportamentos**

Fazer perguntas é uma forma de procurar saber acerca de atitudes e comportamentos, mas é frequentemente difícil obter informações verdadeiras desta forma. Um processo melhor é a observação cuidadosa dos comportamentos, o que inclui ouvir com atenção.

Por vezes, os registos escritos dizem-nos o que as pessoas fizeram. Por vezes, as discussões de grupo ou a estimulação de grupos (em que as pessoas mostram o que fariam numa dada situação) ajudam a mostrar mudanças. Muitas vezes, precisamos de diversos tipos de provas que nos ajudem a verificar até que ponto mudaram as atitudes e os comportamentos.

Legenda:

*Eu sou moderna. Não dou de mamar ao bebé como as mulheres da aldeia. Eu dou ao meu filho um leite maravilhoso num biberão.*

**COMO LHE RESPONDERIA?**

## **4. REGISTANDO E APRESENTANDO OS RESULTADOS**

Quando avaliamos devemos apresentar as nossas conclusões a outras pessoas para que elas possam aprender dessas conclusões e "fazer melhor". Algumas pessoas pensam que a única forma de fazer isto é escrever um longo relatório cheio de palavras difíceis e de números. Isto não é assim.

## 4.1 Regras para a preparação e apresentação de relatórios

### 1. Um relatório deve ser exacto

Se há erros nos factos, se os números estão errados, se a matemática ou a estatística é incorrectamente utilizada ou se há omissões ou mal entendidos graves, ninguém levará a sério o relatório. É essencial verificar a exactidão do relatório.

### 2. Um relatório deve ser dirigido às pessoas que o vão utilizar. (Isto deve sempre ser tomado em conta na redacção do relatório.)

Por vezes diversas pessoas com níveis diferentes de conhecimento acerca de avaliação utilizarão o mesmo relatório. Neste caso, é preferível fazer o relatório da forma mais simples possível e acrescentar outros materiais, como informação estatística para aqueles que os podem entender.

### 3. Um relatório deve ser concebido para promover um debate que conduza a melhorias.

Um relatório que é aborrecido, ou que apenas contém juízos e não levanta problemas, não promove o debate.

Um relatório em tom negativo e cheio de críticas mal formuladas desencoraja as pessoas que trabalharam duramente nos seus programas. Deve-se ser sempre positivo e louvar quando possível.

### 4. O relatório deve ser elaborado rapidamente. Se for feito com atraso pode ser de pouco valor (por muito bem que esteja apresentado).

## 4.2 Algumas técnicas de apresentação de relatórios

### 4.2.1 Descrições escritas

Alguns observadores quererão descrever os programas que viram, as escolas que visitaram, as salas de aula ou as actividades de grupos juvenis que viram.

Mesmo uma descrição breve pode ser informativa e útil.

Por vezes, quadros comparativos de diversos casos observados podem ser valiosos.

<b>QUADRO 4: UTILIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES CRIANÇA-PARA-CRIANÇA</b>			
	<b>Uso dos materiais</b>	<b>Métodos utilizados</b>	<b>Ligação com actividades em casa</b>
Turma 1			
		Breve descrição	
Turma 2		de cada caso	
Turma 3			

#### **4.2.2 Fotografias, desenhos e mapas**

Podem ser muitas vezes valiosos para mostrar o que foi, ou não foi, realizado. Lembrem-se - fotografar sempre tanto os pontos positivos como os negativos.

Desenhos feitos por crianças e pelos seus professores são muitas vezes uma boa prova do que foi realizado e do que foi compreendido.

#### **4.2.3 Vídeos**

Os vídeos mostram bem uma actividade, mas devemos ter muito cuidado para que eles apresentem uma imagem equilibrada e não nos deixem com uma visão parcial do que aconteceu. Os vídeos e desenhos devem reforçar os relatórios escritos e orais. Não os podem substituir.

#### **4.2.4 Apresentação de números**

Quando apresentamos números e comparações entre eles (como acontece frequentemente nas avaliações), devemos pensar em formas efectivas de mostrarmos o que queremos mostrar.

Por vezes podemos querer utilizar **quadros**, mas também podemos querer utilizar:

Legendas:

***Gráficos circulares***

Rio local  
Poço da aldeia  
Água canalizada

*Fontes de água*

=====

***Gráficos de barras***

*Pesos de crianças de sete anos*

=====

***Gráficos cartesianos***

*Utilização dos materiais Criança-para-Criança num período de dois anos*

=====

Os gráficos circulares e os gráficos de barras são úteis para a apresentação de comparações. Os gráficos cartesianos quando queremos mostrar como as actividades crescem ou diminuem ao longo do tempo.

#### **4.2.5 Apresentações verbais**

Lembrem-se de que nem todos os relatórios de avaliação têm de ser escritos.

A vantagem duma apresentação verbal, por exemplo a um seminário de trabalhadores de um projecto, é a de permitir discutir o que foi observado e alterar o relatório em resultado da retroalimentação obtida.

### **4.3 Pontos chave sobre relatórios**

Lembre-se de novo dos "quatro C's" da redacção de relatórios.

Eles devem ser:      **CORRECTOS**  
                                 **CLAROS**  
                                 **CONSTRUTIVOS**  
                                 **CORRENTES** (ou seja, actualizados, feitos a tempo)